

A ritualização nas repúblicas federais de Ouro Preto – MG: dos hinos às “rezas de cachaça” e suas implicações

Leonardo Corrêa Bomfim

Universidade Estadual Paulista – UNESP

leocorreak@gmail.com

Resumo

A histórica cidade de Ouro Preto – MG há anos vem acolhendo novos habitantes em virtude da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, sendo este crescente número de estudantes responsável por algumas transformações de elementos e práticas do município. Em Ouro Preto existem 68 Repúblicas Federais, sendo grande parte destas, antigos casarões transformados em moradias estudantis, cedidos pela universidade, e que possuem um regimento próprio. A “reza de cachaça” é uma prática apropriada pelos estudantes das Repúblicas Federais de Ouro Preto, que consiste em declamar versos rimados antes da ingestão da bebida. Tal atividade pode ser considerada uma espécie de loa, possuindo, normalmente, uma conotação cômica e lúdica, abordando desde estruturas temáticas religiosas, à exaltação das próprias repúblicas, da sexualidade, e do excesso no consumo alcoólico. Assim como ocorre nas “rezas”, a maioria das repúblicas também possui hinos, sendo estes, habitualmente, apropriações de canções da cultura popular, com ou sem modificações da letra, que exaltam os mesmos temas. Estas atividades, normalmente realizadas em festas nas próprias repúblicas, refletem diversos aspectos da cultura jovem e estudantil ouro-pretana, que, ao transitar entre elementos como tradição e modernidade, hierarquia e a noção de *communitas*, revela características que se relacionam à *tradição oral, ritual, identidade e pertencimento*. Desta forma, através de observações etnográficas realizadas entre 2007 e 2010, discutimos neste artigo questões associadas aos conceitos elencados, através de autores como Turner (1974), Hall (2000; 2003), Geertz (1989), entre outros, afirmando esta prática como um resgate e manutenção da cultura oral popular mineira.

Palavras-chave

Ouro Preto, repúblicas federais, hinos, “rezas de cachaça”

Ouro Preto: aspectos históricos e geográficos

A cidade de Ouro Preto - MG localiza-se a cerca de 97 km da capital do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, possuindo uma população de, aproximadamente, 70 mil habitantes, distribuída em uma área territorial de 1.245,865 km² (IBGE, 2010), situada a 1179 m de altitude. O ponto mais alto da cidade é o Pico do Itacolomi, com altitude de 1722 m, podendo ser observado, praticamente, de qualquer lugar dentro dos limites territoriais citadinos. O município ouro-pretano (gentílico) possui treze distritos, entre eles, Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto, São Bartolomeu, além de, é claro, a própria sede. As cidades limítrofes de Ouro Preto são: Belo Vale, Moeda, Itabirito, Santa Bárbara, Mariana, Piranga, Itaverava, Catas Altas da Noruega, Ouro Branco e Congonhas (OURO PRETO, 2013).

Ouro Preto é comumente reconhecida por sua arquitetura colonial, sendo, em 1980, a primeira cidade brasileira a ser declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (GLOBO MINAS, 2013). Além disso, é imprescindível destacar os fatores históricos que desencadearam na fundação da extinta Vila Rica - junção de vários arraiais, da qual tornou-se sede em 1652, e, posteriormente, em 1823, deu origem à cidade de Ouro Preto -, tendo como protagonista a descoberta de ouro e pedras preciosas na região pelos bandeirantes, no século XVII.

O período minerador extrativista aurífero, também denominado, mais comumente, como Ciclo do Ouro, resistiu até o final do século XVIII, quando as minas desta região já apresentavam fortes sinais de esgotamento, “deixando como herança vastas terras revolvidas, montes de cascalho e uma enorme erosão em virtude das crateras abertas na mata” (MARCONDES, 2005, p. 57).



O ciclo do ouro terminou no final do século XVIII, quando a maioria das minas economicamente viáveis havia se esgotado. Parte da população mineira, então, rumou em direção ao Planalto Central do Brasil, onde encontrou trabalho em fazendas de gado, e outros foram para o Sul, engajando-se em atividades agrícolas. Muitos permaneceram em Minas Gerais, também se dedicando a atividades agrícolas, muitas de natureza de subsistência (BAER, 2002, p. 36).

Além de seu histórico extrativista mineral desde a época colonial, sendo uma importante referência e um marco histórico na estruturação social, cultural, política e econômica brasileira, há muito anos Ouro Preto também vem se destacando por seu pioneirismo nas áreas educacionais, onde foram criados, ainda no século XVIII, relevantes polos de estudo e pesquisa nas áreas de farmácia e engenharia.

A Escola de Farmácia e a Escola de Minas de Ouro Preto

Logo após a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, e a “Proclamação da Independência do Brasil”, em 1822, foi fundada, a partir da Lei nº 140, de 1839 - sancionada pelo Presidente da Província de Minas Gerais - a “Escola de Pharmacia de Ouro Preto” neste mesmo ano. É importante evidenciar que esta foi a primeira escola no Brasil a se dedicar, exclusivamente, ao ensino da profissão farmacêutica, desvinculando-se do curso de Medicina (PROGRAD, 2013).

A Escola de Farmácia de Ouro Preto também foi a primeira instituição de Ensino Superior criada em Minas Gerais e a quinta (Faculdade) do Brasil, atraindo, desde aquele momento, diversos estudantes para a cidade mineira. Além deste marco, também podemos citar a criação da tradicional Escola de Minas - dedicada ao ensino de Engenharia neste município -, fundada ainda no século XIX, em 12 de Outubro de 1876. Esta escola foi idealizada por Dom Pedro II, baseando-se, em partes, nos moldes da École Normale Supérieure e fundada pelo bacharel francês em ciências físicas e matemáticas Claude Henri Gorceix (BIBLIOTECA NACIONAL, 2013). Fato de grande relevância a ser também destacado, é



o de que esta Escola foi a sexta instituição de Ensino Superior criada no Brasil, comemorando, neste ano de 2013, seu 137^o aniversário (ABM BRASIL, 2013).

Após aceitar o convite do imperador português, Gorceix concluiu que Ouro Preto seria o local ideal para fundar uma Escola de Minas no Brasil, devido à riqueza de formações geológicas encontradas na região que facilitaria o aprendizado dos alunos.

A iniciativa foi toda de D. Pedro II. Em viagem à Europa, entre maio de 1871 e março de 1872, o imperador entrou em contato com Auguste Daubrée, seu colega na Academia de Ciências de Paris e diretor da Escola de Minas, também de Paris. Pediu-lhe um documento sobre a melhor maneira de conhecer e explorar as riquezas minerais no Brasil. Daubrée sugeriu a elaboração da carta geológica e o ensino da geologia por professores estrangeiros ou por brasileiros treinados no exterior. [...] Daubrée, recém-nomeado diretor da Escola de Minas de Paris, não quis abandonar o posto. Ofereceu, em compensação, seus serviços no sentido de procurar alguém que pudesse encarregar-se da tarefa (CARVALHO, 2002, p. 46). A indicação não podia ser mais feliz, pois Claude Henri Gorceix possuía alto preparo e capacidade de direção. Ele escolheu o local e indicou linhas básicas do estabelecimento; trabalhou até 1891, como seu primeiro diretor, executando tarefa meritória (Idem, Ibidem, p. 17).

Após quase um século de ensino - marcado por dificuldades e o isolamento geográfico e cultural de Ouro Preto, em razão da decisão de transferência da capital mineira, em 1893, para Belo Horizonte -, em 21 de agosto de 1969, por intermédio do Governo Federal, ambas as faculdades (Escolas) foram incorporadas, instituindo-se a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, mantendo ainda, entretanto, um grande prestígio devido à extensa trajetória histórica desde suas fundações.



A consolidação da UFOP e das repúblicas estudantis

Atualmente a UFOP oferece 37 cursos de graduação presenciais, abrigando cerca de 12 mil estudantes e, se somarmos a este número os cursos de graduação à distância, especialização, mestrado e doutorado, atingiremos a totalidade de, aproximadamente, 16 mil alunos. O corpo docente da instituição é composto por 963 professores, contando ainda com cerca de 800 funcionários referentes ao corpo técnico-administrativo (REVISTA ESCOLHA, 2012). A Universidade, que a cada dia abriga um maior número de estudantes, ampliando as opções de cursos, assim como vagas nos cursos pré-existentes, subdivide seu campus em três cidades: Ouro Preto (sede), Mariana e João Monlevade (UFOP, 2013). Todos estes fatores e características contribuíram para que Ouro Preto se estabelecesse como uma cidade de caráter universitário,¹ e, juntamente à atribuição deste novo status, e a um crescente número de discentes, a comunidade estudantil passou a se organizar e a reivindicar moradias estudantis.

De acordo com a pesquisadora Liliane Sayegh, em sua dissertação na área de Arquitetura e Urbanismo, Ouro Preto é a única cidade brasileira a abrigar repúblicas estudantis com características estruturais e funcionais semelhantes às repúblicas dos alunos da Universidade de Coimbra (fundada em 1290), Portugal. A autora ainda frisou que estes elementos se revelam “nos trotes, festas tradicionais, hierarquia interna de funcionamento e a tradição do ex-aluno, além de outros aspectos como a moradia estudantil em casas consideradas patrimônios culturais” (2009, p. 113).

¹ É importante destacar que o município não se caracteriza, exclusivamente, por uma cidade universitária, já que é possível identificar em seu território diversas empresas de extrativismo de minérios, como a Vale, Gerdau, Samarco, entre outras. Além disso, também é importante destacar o grande, e constante, fluxo turístico internacional no município, considerado Patrimônio da Humanidade, por sua arquitetura, museus, igrejas, além dos frequentes festivais de arte, congressos e eventos em geral, que movimentam um grande capital em seus hotéis, pousadas, restaurantes, comércio de pedras preciosas, obras de arte, artesanato, etc..

É possível ainda afirmar a existência de indícios de que o sistema de repúblicas ouro-pretano,

inclusive seu nome, foi fortemente influenciado pelas Repúblicas de Coimbra, em Portugal, onde diversos brasileiros iam fazer seus estudos - situação que perdurou durante vários séculos, já que no Brasil, como já citado, as instituições de ensino superior só começam a ganhar relevante consistência durante o séc. XIX (SAYEGH, 2009, p. 111).

Quanto à terminologia “república” - empregada neste município mineiro para designar uma localidade onde habitam estudantes que dividem, de forma igualitária, as tarefas, responsabilidades e, logicamente, as despesas da residência - existem ainda duas outras versões possíveis para a utilização deste conceito, que, segundo a pesquisadora em Direito, Maria Fernanda Salcedo Repolês, ambas possuem uma conotação política:

Por um lado, tal termo alude à autonomia administrativa de que as Repúblicas gozam em relação à Universidade e reconhecida pela própria direção dessa. Por outro, remonta-se a um fato histórico. Quando do fim da Monarquia no Brasil e implantação da forma republicana, em 1889, os estudantes fizeram uma manifestação por ocasião da visita à então capital de Minas Gerais, do gabinete parlamentar imperial, encabeçado pelo Ministro Ouro Preto. Para demonstrar sua rejeição à Monarquia, os estudantes afixaram cartazes com a palavra ‘República’ nas fachadas das moradias estudantis (2007a, 193).

O processo de fundação e estruturação das repúblicas e moradias estudantis em Ouro Preto ocorreu de forma bastante diversificada e em distintos momentos históricos. Cada república possui em sua trajetória particularidades em relação à maneira e a data em que foi obtida a sua casa atual (ou o primeiro local onde se instalou a república), havendo casos de compras, concessões, doações, invasões, construções destinadas a este propósito, entre outros.



Primeiramente, os estudantes em Ouro Preto buscavam pensões² para se alojar, devido ao número reduzido de discentes na cidade³ (CARVALHO, 2002). Entretanto, o historiador e sociólogo Otávio Luiz Machado⁴, destaca que no início do século XX, em decorrência da transferência da capital mineira para Belo Horizonte, Ouro Preto se encontrava em um declínio econômico, e, diante desta situação de desamparo, a cidade começou a se esvaziar, já que muitas famílias optaram por mudar-se para a nova capital. A partir daí, inúmeros casarões históricos foram desocupados, reduzindo também o valor do aluguel no município, o que favoreceu a criação de repúblicas em território ouro-pretano, seja na forma de ocupação ou de locação dos imóveis. O autor ainda defende que as famílias, na época, preferiam liberar as casas, pois “era melhor deixá-las nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava” (MACHADO, 2007b, p. 7).

Como as fontes bibliográficas sobre as repúblicas de Ouro Preto são bastante escassas, prevalecendo, em sua maioria, depoimentos orais, reportagens, fotos e documentos dispersos ou imprecisos, muitas vezes em condições ruins, é necessário destacar a dificuldade em se recolher, com exatidão, a história destas moradias, especialmente as mais antigas e tradicionais. Sendo assim, neste artigo, não irei questionar de forma alguma a data de fundação de nenhuma destas residências, nem possuo esta pretensão como objetivo. Portanto, serão acatadas as datas de fundação estipuladas pelas próprias repúblicas, confiando que estas possuem documentos suficientes para a comprovação de seu período de existência.

² Entende-se aqui como pensões, quartos alugados por moradores da própria cidade para estudantes advindos de outras localidades.

³ José Murilo de Carvalho evidencia que o número de engenheiros formados pela Escola de Minas era de apenas 275 entre os anos de 1875 e 1922.

⁴ Ex-morador da República *Aquarius*.



De acordo com o depoimento do ex-reitor da UFOP, Fernando Borges Campos⁵, na década de 1930 já havia em Ouro Preto cerca de seis repúblicas (SAYEGH, 2009, p. 115). Este proferimento coincide com as datações apresentadas pelas próprias repúblicas, sendo, as seis mais antigas, em ordem de fundação: *Castelo dos Nobres*, 1919; *Arca de Noé*, 1927; *Canaan*, meados da década de 1920 ou 1930⁶; *Vaticano*, 1935; *Consulado*, 1936 e *Pureza*, 1939 (ARCA DE NOÉ, 2013; CANAAN, 2013; CASTELO DOS NOBRES, 2013; CONSULADO, 2013; MACHADO, 2007a; PUREZA, 2013; VATICANO, 2013).

Todas estas repúblicas citadas estão localizadas no centro histórico da cidade, em bairros - que apesar de não serem oficialmente delimitados pela Prefeitura de Ouro Preto, demarcam características e questões culturais e sociais -, como o Antônio Dias e a Vila dos Tigres. De acordo com os testemunhos recolhidos no livro *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e perspectivas* (MACHADO, 2007a), e os dossiês organizados pelos próprios moradores/ex-moradores das repúblicas, através de solicitação da REFOP⁷ (MACHADO, 2013a; 2013b; 2013c), é possível observar que o processo de apropriação destas casas, nesta época, foi bastante semelhante.

A República *Castelo dos Nobres* teve como primeira residência um antigo casarão alugado, que, no século XIX, foi habitado pelo Barão de Sa-

⁵ Que também é ex-morador da República *Baviera*.

⁶ O site oficial da república defende que sua fundação ocorreu em meados de 1920 (CANAAN, 2013), entretanto, o livro das *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana* afirma que a república foi fundada em meados de 1930 (MACHADO, 2007a). A data ainda permanece inexata devido ao fato de ter ocorrido um incêndio no antigo Fórum de Ouro Preto que destruiu diversos documentos.

⁷ A Associação das Repúblicas Federais de Ouro Preto, REFOP, foi fundada em 2006 e tem como objetivo uma maior unificação e representação das Repúblicas Federais desta cidade. A REFOP defende os direitos e deveres destas instituições, além de estabelecer certas regras que padronizem alguns parâmetros na organização e estruturas das moradias estudantis, respeitando, obviamente, as peculiaridades e tradições de cada residência. A REFOP ainda busca estabelecer uma maior integração entre os moradores de repúblicas e os cidadãos ouro-pretanos.

ramenha, no bairro ouro-pretano das Lajes (ROCHA, 1990, p. 28; MACHADO, 2013a, p. 467). O *Castelo dos Nobres* mudou-se ainda para dois outros imóveis, e, finalmente, em 1957, a pedido dos moradores da república da época, a Escola de Minas cedeu o casarão localizado na Rua Bernardo Vasconcelos, 91 para abrigar os estudantes. Esta casa havia sido destinada ao uso dos professores da Escola de Minas, contudo, naquele momento ela estava desabitada, desta forma, estes discentes que se encontravam em dificuldades para o pagamento do aluguel, encaminharam este pedido que foi aprovado pelo Reitor da Escola (MACHADO, 2013a, p. 469-470).

A República *Arca de Noé* também transitou por vários locais de Ouro Preto até obter um imóvel definitivo. O primeiro imóvel alugado a abrigar esta moradia estudantil foi a casa histórica do inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, localizada na Rua Cláudio Manoel. Em seguida transferiu-se para a Praça Tiradentes, e, posteriormente, para trás da Escola de Minas, adquirindo, apenas em 1958, por uma doação do empresário Antônio Ermírio de Moraes (fundador do Grupo Votorantin) à Casa do Estudante da Escola de Minas – CEEM⁸, a construção de sua moradia estudantil que se mantém, até os dias atuais, no mesmo local (MACHADO, 2007a, 37-38).

As repúblicas *Canaan*, *Vaticano*, *Consulado* e *Pureza* também possuem um histórico semelhante, sendo, inicialmente, sediadas em imóveis locais, e, com o passar do tempo, fixadas em um local através da doação de alguma entidade como a Escola de Minas, Casa do Estudante, ou UFOP

⁸ A Casa do Estudante de Ouro Preto – CEOP foi criada em 1946 a partir da Associação de Ex-alunos da Escola de Minas, “entidade sem fins lucrativos com o objetivo de adquirir casas para se tornarem repúblicas visando especialmente promover todas as formas de proteção e beneficência aos estudantes de Ouro Preto.” Faziam parte desta associação ex-alunos da Escola de Farmácia e da Escola de Minas. (SAYEGH, 2009, p. 116). “Em 1953, surge uma outra entidade, a Casa do Estudante da Escola de Minas (CEEM), composta somente por ex-alunos da Escola de Minas. Esta entidade teve maiores esforços em direção à angariação de fundos para a construção de novas repúblicas estudantis: em 1963, inicia uma campanha através do pedido de doação de verbas por empresas e embaixadas de diversos países no Brasil para a construção de novas repúblicas destinadas aos alunos da Escola de Minas” (SAYEGH, 2009, 117).

(CANAAN, 2013; CONSULADO, 2013; MACHADO, 2007a; PUREZA, 2013; VATICANO, 2013).

No ano de 1982, a UFOP construiu catorze casas próximas ao campus – Morro do Cruzeiro – subdivididas em quatro alas, para se tornarem Repúblicas Federais (BARBALHO, 2009; SAYEGH, 2009, p. 120-121). Entre estas, estavam as repúblicas *Quarto Crescente - QC, Convento* (1ª ala); *Unidos por Acaso - UPA, Bastilha, Doce Mistura, Pasárgada* (2ª ala); *Covil dos Gênios, Koxixo, Senzala, Peripatus* (3ª ala); *Lumiar, Arte & Manha*⁹, *Palmares, Vira Saia* (4ª ala). Ainda na mesma década, em 1988, foram construídas e inauguradas as repúblicas *Ovelha Negra* e *Cosa Nostra*, próximas às quatro alas de Repúblicas Federais também no bairro Bauxita.¹⁰

Ocorreram também alguns casos de invasões de casas no final da década de 1980 e início de 1990, assim como determinadas reivindicações, por parte das estudantes do gênero feminino, de que havia poucas Repúblicas Federais femininas.¹¹ Desta forma, em 1986, com a criação da “Comissão de Moradia” pelo Diretório Central dos Estudantes - DCE, “são levadas adiante sucessivas invasões às casas do centro histórico, pertencentes ao patrimônio da UFOP, mas que se encontravam subutilizadas, a fim de reivindicar a transformação dessas casas em novas repúblicas, o que realmente se efetivou” (SAYEGH, 2009, 122). Foram estes os casos da República *Saudade da Mamãe*, e das repúblicas femininas *Tanto Faz*,

⁹ A *Arte & Manha* é a única República Federal mista, ou seja, que abriga moradores tanto do sexo feminino quanto masculino.

¹⁰ As Repúblicas Federais femininas do campus eram: *Quarto Crescente, Convento, Doce Mistura, Koxixo, Lumiar, Palmares* e *Ovelha Negra*. No ano de 2008 a República *Toka* (feminina) foi contemplada com uma moradia no campus, na 1ª ala, tornando-se federal. Processo semelhante ocorreu com a República *Tigrada* (masculina) que recebeu, logo após, uma moradia na 1ª ala, no entanto, a *Tigrada*, que já era federal, teve um histórico mais conturbado.

¹¹ Antes do ano de 1982, quando as Repúblicas Federais do campus foram construídas e entregues aos estudantes, o número de repúblicas femininas era ainda menor. Foram constatados alguns exemplos cuja fundação antecede esta data, como, por exemplo, *Convento*, 1969; *Toka*, 1972; *Rebu*, 1974; *Cirandinha*, 1977; *Xamego*, 1977; *Bico Doce*, 1978; *Patotinha*, 1979 e *Favinho de Mel*, 1979.

Maria Bonita (MACHADO, 2007b). A República *Virada pra Lua*, assim como a República *Bem na Boca* – ambas localizadas no local conhecido como “brejo”, que abriga ainda às repúblicas femininas *Tanto Faz* e *Chega Mais* -, também são exemplos de moradias estudantis que foram negociadas entre a UFOP e a Comissão de Moradia, a partir de uma pressão do crescente número de estudantes do sexo feminino nesta universidade. Estas repúblicas foram fruto de invasões em imóveis ociosos da UFOP, ocupações de institutos da universidade e uma organização e união estudantil em prol de melhorias e ampliações no número de moradias estudantis federais.¹²

O sistema de autogestão das Repúblicas Federais

Alguns anos após estas negociações, as repúblicas já nutriam um status de estruturas quase autônomas perante a administração da UFOP, sendo, então, respeitadas por esta razão. No entanto, essa questão gerou certo desconforto por parte de órgãos judiciários que começaram a questionar a ocupação dos imóveis da União pelos discentes da UFOP, sem o uso direto da instituição, e de uma forma não-onerosa. No ano de 1990, o TCU - Tribunal de Contas da União - solicitou explicações sobre o ocorrido, sendo a questão justificada pelo então reitor Fernando Antônio Borges Campos, que, em resposta, ressaltou as distinções entre alojamento e república:

A ‘república’ possui características peculiaríssimas, e como o próprio nome revela, tentando reproduzir no convívio diário entre eles, quinze ou vinte estudantes, por um período não menor do que quatro ou cinco anos, as regras sociais de formação de um cidadão. Existe em

¹² Ainda hoje, o número de Repúblicas Federais permanece, em sua maioria, masculina, com um total de 53 repúblicas, em oposição a 15 repúblicas femininas. Além de outros fatores, certamente, essa característica é um reflexo histórico, já que, por diversos anos, o número de estudantes masculinos foi muito superior ao número de estudantes do gênero feminino, devido às dificuldades de transporte para Ouro Preto, às questões de moradia na cidade e aos cursos disponíveis desde a criação da Escola de Minas, Escola de Farmácia, e da UFOP, propriamente dita.



Ouro Preto um ‘alojamento’ situado no campus do Morro do Cruzeiro [...]. A administração da UFOP, em 75/76, cedeu o espaço a estudantes de graduação, alojamento implantado nos moldes convencionais. A prática demonstrou a inadequação sistemática, condenada por estudantes, professores, administração e cultura local. [...]

Esse processo cultural, tradicional, gerou inevitavelmente, um forte sentimento de repúdio a qualquer iniciativa externa contra suas estruturas formais [das repúblicas]. A instituição escolar compreendia estas razões e mesmo durante os governos militares respeitou esta cultura local, que nunca admitiu sequer interveniência do DCE e/ou de Diretórios Setoriais (Diretório Acadêmico das Escolas da Universidade) [...]. O assunto ‘república estudantil’ em Ouro Preto integra há muito tempo os relatórios de auditoria sobre a UFOP, é raiz na história da Instituição, tornando-se necessário mostrar em linguagem não processual que ‘república estudantil’ em Ouro Preto não é somente residência de estudantes mas uma **Instituição**. (CAMPOS, 1990, grifo do autor apud SAYEGH, 2009, p. 122-123).

Durante minha graduação em Música (Licenciatura) na Universidade Federal de Ouro Preto, fui morador da República *Castelo dos Nobres*, entre os anos de 2007 e 2010, e tive acesso ao histórico da casa, assim como algumas informações sobre sua fundação, mudanças de local, estruturação, trajetória, ex-moradores, moradores, e, obviamente, ao regimento interno desta, moradia estudantil quase centenária.

Apesar das repúblicas federais possuírem, em geral, um sistema de organização interna bastante semelhante, é preciso enfatizar que cada uma destas 68 moradias estudantis, sendo tratadas como uma espécie de “instituição”¹³, possui as suas peculiaridades, sua *identidade*¹⁴, suas regras e o seu regimento, que, obviamente, oscila, de acordo com a geração

¹³ Conforme a definição encontrada no dicionário de português Michaelis: “complexo integrado por ideias, padrões de comportamento, relações inter-humanas e, muitas vezes, um equipamento material, organizados em torno de um interesse socialmente reconhecido” (Michaelis, 2013).

¹⁴ Conceito tratado neste texto, posteriormente, com maior aprofundamento.

e, desta forma, todos estes elementos não devem ser generalizados. Em 2009, a Reitoria da UFOP solicitou que cada república apresentasse um dossiê completo, elucidando as características e história da casa - com fotos e depoimentos - além de exposição de seus critérios e processos de seleção de novos moradores, gestão, festas e confraternizações tradicionais que geram renda, ou não, que ocorrem nestes bens públicos. A REFOP também participou deste processo organizacional, como uma forma de unificação, apresentação e justificativa dos meios e processos ocorrentes no interior destas casas. O material recolhido também se encontra presente nos livros de Machado (2013a; 2013b; 2013c), como uma grande fonte de informações destas repúblicas.

Desta forma, acredito que seria mais interessante abordar o regimento das repúblicas a partir de minha perspectiva e vivência na *Castelo dos Nobres*, estabelecendo como recorte temporal os anos correspondentes entre 2007 e 2010, e focando na gestão desta casa durante esta época.

Como a autogestão das repúblicas não é o foco principal desta comunicação, sendo este um tema bastante vasto e passível de amplas e densas discussões, trago à luz apenas elementos elencados como indispensáveis para compreender a relação das repúblicas com seus hinos e “rezas de cachaça”.

Em toda República Federal ¹⁵, assim como em grande parte, das Repúblicas Particulares, os recém-ingressados na UFOP (calouros¹⁶) que tem a intenção de morar em uma república, passam por um processo de ad-

¹⁵ Consideramos neste artigo o termo “República Federal”, como forma de definir todas aquelas residências em que não é cobrada, dos moradores, uma locação do imóvel. Sendo assim, neste critério, estão inseridas as repúblicas pertencentes (patrimônio) à Escola de Minas, à UFOP, à Casa do Estudante, Fundação Gorceix, etc. É importante destacar que, todas estas repúblicas incorporam a Associação das Repúblicas Federais de Ouro Preto – REFOP, mesmo não pertencendo à UFOP, ou seja, à Federação (à União). Esta isenção do aluguel, na verdade, é o principal fator que diferencia uma República Federal de uma República Particular, já que a Particular possui esta conta mensal.

¹⁶ Mas comumente denominados “bixos” em Ouro Preto, com a grafia de “X” ao invés de “CH”.



missão conhecido como “batalha de vaga”. Neste procedimento, o “bixo”, apesar de já habitar a casa, ainda não é considerado um “morador”¹⁷ e, para que isto ocorra, o calouro deve passar por esta fase em que são analisados diversos elementos como: entrosamento com o resto dos moradores, amizade, organização, limpeza, confiança, responsabilidade, cuidado e manutenção da casa, respeito e ajuda mútua aos outros moradores, salvaguarda de tradições republicanas, como as festas de aniversário da república, Carnaval, entre outras. É necessário que o calouro, neste momento, compreenda o sistema de autogestão da casa, e, caso queira permanecer na república, respeitar as regras, tradições e os moradores mais antigos.

É importante destacar que, apesar de haver uma hierarquia, as repúblicas não se enquadram no perfil de uma instituição semelhante a uma empresa, ou algo do gênero, pois, estas moradias estudantis prezam muito pela forte amizade entre os moradores e por uma noção de solidariedade, denominada por muitos como “espírito republicano”.

O espírito fraternal das Repúblicas de Ouro Preto era mantido por aquelas reuniões em torno da mesa. As Repúblicas eram verdadeiras escolas da vida que moldavam o caráter dos estudantes forjando-o para a vida profissional. Ali se aprendia a conviver e tolerar, suplantar as divergências, respeitar a opinião alheia, respeitar a vizinhança, aprimorar o espírito de solidariedade. Todos partilhavam das dificuldades e alegrias de seus colegas. Seguiam-se regras próprias de cada república, em geral semelhantes (DEQUECH, 1984, p.256).

Em consonância ao comportamento humano que remonta às tradições mais remotas de *ritualizar* os ciclos/fases vitais, em suas inúmeras for-

¹⁷ Destaco aqui estes status, pois nestas repúblicas há um sistema hierárquico em que os mais velhos (veteranos) estão localizados em uma posição privilegiada, enquanto o “bixo” se situa no posto mais baixo da hierarquia. Basicamente, a relação hierárquica decrescente está disposta da seguinte forma: ex-alunos (ex-moradores), do mais antigo ao mais jovem, morador mais velho (decano), moradores (por ordem de entrada na república), morador mais novo (“semi-bixo”) e, por último, o “bixo”.

mas culturais, se tratando, especificamente neste caso, da transição da juventude para a fase adulta, é possível considerar a “batalha de vaga” como uma *ritualização*, um *ritual de passagem* para o ingresso na vida estudantil republicana – simbolizando a independência de sua família, a preparação para uma nova etapa a ser vivida e a criação de uma nova *identidade*.

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento [...] A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objetivo é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada. Sendo o mesmo objetivo, é de todo necessário que os meios para atingi-lo sejam pelo menos análogos [...] Aliás, o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou as diversas fronteiras (GENNEP, 2011, p.24).

Na fase de “batalha de vaga”, como forma de subdivisões de tarefas da casa, o calouro se encarrega dos trabalhos mais braçais e, caso venha a ser “escolhido”, receberá um apelido e ascenderá ao posto de morador, em que assumirá outras responsabilidades perante a república. A “escolha” é uma comemoração bastante marcante para o ingressante na república, sendo um objetivo almejado por todos que optaram por estas moradias estudantis, já que, este *ritual* garante a vaga do “bixo” como “morador” da casa. Como é de praxe em diversos rituais, esta transição é marcada por muita comida, bebida, cantorias (hinos e “rezas de caçaça”) e convidados. No caso da *Castelo dos Nobres*, o “bixo” se torna, agora, um “nobre”¹⁸.

Até o início do ano de 2009, ocorriam alguns problemas de denúncias de trotes no interior das repúblicas, devido a alguns abusos por parte de

¹⁸ Na República *Casablanca*, o morador é chamado por “casablanquenho”; na *Tabu*, “tabuano”, na *Rebu*, “rebutante”, na *Hospício*, “louco”, etc.

certos veteranos. Entretanto, com a intervenção do Ministério Público Federal, e, conseqüentemente da REFOP, nos trotes das Repúblicas Federais, estes foram, terminantemente proibidos e praticamente cessados, mantendo-se apenas as tradições que não comprometiam a moral ou a dignidade do calouro, e que prezavam por um senso de comunidade e não de segregação. Também foram promovidos os chamados “trotes solidários”, como doações e trabalhos comunitários, que já ocorriam anteriormente, por parte das repúblicas, mas que ganharam visibilidade com o apoio da universidade desta prática.

De acordo com o Estatuto das Residências Estudantis - promulgado pela UFOP em agosto de 2010, através da Resolução CUNI nº 1150, com o consenso do reitor da época, Prof. Dr. João Luiz Martins -, algumas alterações foram efetuadas, porém, os objetivos destas moradias se mantiveram ¹⁹:

- a) oferecer ao estudante morador um ambiente sadio, capaz de proporcionar-lhe as condições de moradia e uma melhor aplicação nos estudos, atenuando preocupações de outra natureza;
- b) contribuir para o desenvolvimento da formação humanística do estudante, atribuindo-lhe, ao mesmo tempo, a responsabilidade de administrar o prédio e de promover a boa convivência coletiva e o respeito ao próximo;
- c) estimular e desenvolver, entre os estudantes, o espírito de solidariedade e cidadania, dentro de um clima de permanente compreensão dos seus direitos e deveres no ambiente comunitário;
- d) oferecer ao estudante universitário condições de moradia em ambiente que se assemelhe ao familiar e, conseqüentemente, propicie melhores condições de estudo (RESOLUÇÃO CUNI, 2010, p. 2).

Sendo que os deveres dos moradores de repúblicas estudantis foram elencados como:

- a) administrar a Residência, zelando pela sua conservação e manutenção;

¹⁹ Se compararmos ao Estatuto das Residências Estudantis de 2006, promulgado na Resolução CUNI nº 779, assinado em agosto de 2006 pelo mesmo reitor (RESOLUÇÃO CUNI, 2006).



- b) respeitar os direitos dos demais moradores, colegas e funcionários da UFOP;
- c) indenizar danos e prejuízos materiais causados ao próprio prédio residencial, aos móveis e utensílios da Residência, bem como qualquer dano causado a UFOP em decorrência da utilização do prédio;
- d) manter atualizado o cadastro de moradores na CAC;
- e) garantir a ocupação integral da Residência, mantendo o número exato de moradores previamente definido;
- f) vedar a permanência de pessoas estranhas no recinto das residências,
- g) coibir a aplicação de brincadeiras constrangedoras que atentem contra os princípios da dignidade da pessoa humana, da igualdade e das demais garantias individuais constitucionalmente garantidas;
- h) zelar pela ordem e disciplina da casa;
- i) encaminhar os problemas relacionados com enfermidades e casos de acidentes ocorridos na Residência, comunicando em tempo hábil a CAC;
- j) zelar pela boa convivência com os vizinhos e com a comunidade do bairro em que está inserida a Residência Estudantil;
- l) participar da assembléia dos moradores para apreciar e aprovar o regimento interno da casa e/ou possíveis alterações que sejam apresentadas pelos moradores;
- m) abster-se de fazer uso ou estar de posse de entorpecentes ou alucinógenos ilícito no recinto da Residência Estudantil;
- n) vedar a guarda de armas de qualquer tipo na Residência Estudantil;
- o) cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como o Regimento interno da casa.
- p) realizar obras no imóvel somente com a devida aprovação da Prefeitura Universitária e dos demais órgãos competentes (RESOLUÇÃO CUNI, 2010).

Essencialmente, os rituais mais comuns em uma trajetória republicana seriam: “batalha de vaga”, “escolha”, “festas do 12 de Outubro²⁰” (ou festas do 21 de Abril), “formatura” e “retorno como ex-aluno”. A formatura

²⁰ Quando é comemorado o aniversário da Escola de Minas, e juntamente à esta data, também se celebra o aniversário de grande parte das Repúblicas Federais. No dia 21 de Abril é comemorado o aniversário das Repúblicas Federais do campus, pois, foi nesta data que as casas foram entregues aos estudantes. Algumas repúblicas comemoram tanto a “Festa do 12” quanto à “Festa do 21”.



também é um episódio importantíssimo na trajetória do estudante, pois, além de concluir o seu curso de graduação – iniciando uma nova fase em sua vida -, o recém-formado inaugura em sua república um “quadrinho” com sua foto, que permanecerá na república mesmo após seu falecimento. Logicamente, é seguida uma ordem de quadrinhos, desde o formando mais antigo até o mais recente, e, novamente, como mais uma passagem *ritualística*, são entoadas “rezas de cachaça”, hinos das repúblicas, acompanhadas de diversas bebidas, comidas, contando com a presença da família e convidados.



Figura 1. A cozinha e os “quadrinhos” da República Castelo dos Nobres. Foto do morador Hugo Teodoro, Ago. 2013.

Os processos de *ritualização* da cachaça e dos hinos

Desde o princípio de sua fabricação, a cachaça possui um histórico tido como “desqualificado e negativo”, composto por consumidores das camadas sociais menos “privilegiadas” - entre índios, escravos negros, pobres e até mesmo animais, com o intuito de “fornecer um suplemento calórico para sustentá-los nos trabalhos rudes e na vida severa a que eram

submetidos” (VILLELA, 2008, p. 10). No entanto, apesar de conservar, até os dias atuais, certa conotação destituída de mérito, esta bebida etílica tem se mantido, juntamente ao samba (carnaval) e ao futebol, como um elemento que compõe o tripé a sustentar os símbolos da cultura popular brasileira, atingindo, no ano de 2012 o título de Patrimônio Histórico Cultural do Rio de Janeiro (VÍDEOS R7, 2013).

A cachaça, além de ser um artigo de exportação nacional, desde meados do século XVIII (VILLELA, 2008, p. 10), extremamente conhecido no exterior como um elemento da *identidade* brasileira, também pode ser encarada como uma dimensão simbólica da “brasilidade”. Assim como o vinho é, comumente, associado à Itália e Portugal, a tequila ao México, o champanhe à França, a vodka à Rússia e o uísque à Escócia, a cachaça, a partir dos esforços de diversos integrantes do meio artístico, político, cultural e industrial, também se consolidou como um dos símbolos nacionais brasileiros. Desde os desenhos animados de Walt Disney, em que o personagem Pato Donald conhece Zé Carioca e descobre o ritmo do samba através das doses de cachaça em Copacabana (SALUDOS AMIGOS, 1942)²¹, às representações de Inezita Barroso em “Marvada Pinga” (1953), de Sérgio Reis em “Pinga ni mim” (1987), ou da notória marchinha “Cachaça (não é água não)” (1953)²², entre outras canções que enaltecem o seu consumo, a bebida tem adquirido relevância no cenário nacional e internacional, como um produto essencial em diversas manifestações populares, religiosas, sociais e, logicamente, no setor econômico.

Sua origem é datada por volta da terceira década dos Quinhentos, em engenho de cana-de-açúcar na Capitania de São Vicente (destinada a

²¹ Fazendo parte de uma política de “boa vizinhança” de Walt Disney, que buscava expandir as suas relações com países da América do Sul nos anos 1940, selecionando a composição “Aquarela do Brasil” (1939) como um símbolo musical para representar este país, sendo, seu gênero musical, denominado por diversos teóricos, posteriormente, como samba-exaltação.

²² “Marvada Pinga” ou “Moda da Pinga” – compositor: Raul Torres e Laureano (SANT’ANNA, 2000, p. 91); “Pinga ni mim” – compositor: Sérgio Reis (NEPOMUCENO, 1999, p. 198); “Cachaça” – Mirabeau, L. de Castro e H. Lobato (TINHORÃO, 2002, p. 67).

Martim Afonso de Souza em 1532) [...] Pernambuco também reivindica o troféu; mas tudo indica que sua data para a origem da cachaça é posterior; no entanto, não há certeza entre os especialistas; de qualquer modo, essas datas são muito próximas (VILLELA, 2008, p. 9-10).

Como destacou o historiador e antropólogo Luis da Câmara Cascudo, a bebida também já foi utilizada como moeda de troca para a compra de escravos na África, sendo que

O tráfico da escravaria impôs valorização incessante. Aguardente da terra, a futura cachaça, era indispensável para a compra do negro africano e ao lado do tabaco em rolo, uma verdadeira moeda de extensa circulação. Além de ser jubilosamente recebida pelo vendedor na Costa d'África, figurava necessariamente como alimento complementar na trágica dieta das travessias do Atlântico. O escravo devia, forçosamente, ingerir, todos os dias, doses de aguardente, para esquecer, aturdir-se, resistir (1986, p. 24).

Atualmente, apesar de ainda manter uma “aura demoníaca, anarquista, potencialmente desagregadora” (VILLELA, 2008, p. 10), o status da cachaça se encontra em postos contraditórios e flutuantes, ora como causadora de vícios e de mazelas nas camadas mais baixas da sociedade e ora como produto de alto valor e requinte para degustadores em elegantes bares e restaurantes das cidades.

No documentário “Estrada Real da Cachaça” (2008), do diretor Pedro Urano, é possível destacarmos diversas relações sociais que ocorrem com o intermédio da bebida, como uma espécie de elemento aglutinador, seja ela relacionada ao trabalho, associada à religião ou às manifestações populares. O estado de Minas Gerais talvez seja atualmente a região na qual a tradição da bebida esteja mais arraigada, tanto pelo número de alambiques, pelas tradicionais cachaças de algumas cidades, ou mesmo pela simples associação de qualidade desta bebida à esta região, sendo realizada por grande parte dos brasileiros. A cachaça faz parte do coti-

diano de diversas comunidades, tanto como um “complemento alimentício”, ou mesmo como um fator essencial aos rituais acima citados.

Ouro Preto, um dos municípios pertencentes ao trajeto da Estrada Real, possui um cenário semelhante ao descrito, sendo a bebida consumida com bastante frequência em bares do município pelos locais (autodenominados “nativos”), assim como no interior das repúblicas pelos estudantes. É preciso ressaltar ainda que o propósito desta comunicação não é legitimar, favorecer ou justificar o consumo deste destilado, tampouco defender seus excessos²³, mas sim, trazer à luz estas práticas das “rezas de cachaça” e dos “hinos” republicanos - temas praticamente não encontrados ou analisados na bibliografia - como rituais que refletem e reforçam características da *identidade* de um grupo estudantil.

O teórico Alceu Maynard Araújo (1977), que registrou loas proferidas à cachaça, no município de Piaçabuçu - AL, em 1953, definiu o *ritual* como “rodada”, sendo este,

o cerimonial no qual o participante precisa dizer loas à cachaça. Na “rodada”, aproximam-se do balcão de uma bodega, e num copo comum o bodegueiro entorna a cachaça até quase transbordar. A pessoa de quem partiu o convite da “rodada”, tomará o copo, derramará um pouquinho no chão e dirá: “este é para o santo”, e o dará a um dos companheiros, o qual, tomando um gole passará depois o copo para outro. É a “rodada” (ARAÚJO, 1977, p. 131).

O autor ainda caracteriza o termo “loa” como

Loas - As loas de cachaça se dão em geral por ocasião de alguma festa ou, mais comumente, quando há a ajuda vicinal que é o “batalhão”. Reúnem-se várias pessoas e ao passar o copo

²³ Até porque, tais abusos, recentemente, no ano de 2012, ocasionaram no falecimento de dois estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, ao que, tudo indica, por excesso de álcool no sangue. Daniel Macário de Mello Júnior era aluno de Artes Cênicas na universidade e faleceu aos 27 anos. Pedro Silva Vieira era estudante de Química Industrial e possuía 25 anos quando faleceu (PORTAL R7).

ou cuia de cachaça, proferem uma loa. [...] A pessoa ao tomar o gole de cachaça profere uma loa, a que recebe faz o mesmo ao passar à outra e assim vão se sucedendo elogios versificados, improvisados ou não, à cachaça. A loa é uma forma lúdica muito em voga nesta comunidade (ARAÚJO, 1977, p. 132).

É possível inferir que as práticas das “rezas” ou “loas” de cachaça são apropriações dos estudantes ouro-pretanos da cultura oral brasileira, como podemos observar semelhanças no documentário de Pedro Urano (2008) e nos (mais de quarenta) versos recolhidos por Francisco Villela²⁴ em “Ave, Cachaça!” (2008) e por Alceu Maynard Araújo (1975, 127-132; 265-269), além de, logicamente, algumas criações e adaptações dos próprios estudantes. No entanto, seria necessária uma pesquisa muito aprofundada, para estabelecer as possíveis origens desta tradição, que, de acordo com Villela “é milenar a louvação à bebida que se vai ingerir e a oferta de uma parte para entidades e deuses, como forma de homenagem e de pedido de proteção” (2008, p. 11), estando presentes em documentos desde a “Ilíada” de Homero, nos registros sobre a libação (*libatio*) romana.

Assim como nestes locais citados, é muito comum escutarmos ecoando nas ladeiras de Ouro Preto os brados de um estudante, ou de um grupo de discentes, entoando uma “reza de cachaça” ou o hino de uma república durante uma confraternização. Conforme elucidado anteriormente, a “reza de cachaça”, nesta cidade, consiste em declamar versos, normalmente rimados, raras vezes improvisados, de conotação cômica e lúdica, baseados em referências temático-religiosas e que evidenciam aspectos como o enaltecimento da bebida, da sexualidade, ou mesmo da república, etc. Podemos notar algumas destas características nas “rezas”:

²⁴ Provenientes de cidades de grande parte do Brasil como Brasília – DF; Anápolis – GO; Juiz de Fora – MG; Belo Horizonte – MG; Inconfidentes – MG; Itajubá – MG; Maria da Fé – MG; Araçuaí – MG; Manaus – AM; Atibaia – SP. Além de rezas provenientes dos estados do Mato Grosso; Piauí; Bahia; Rio de Janeiro; Paraíba e de outros países como Espanha e Portugal (VILLELA, 2008, p. 99-101).

Por Nosso Senhor Jesus Cristo
por Nossa Senhora das Graças
transforme a Represa de Três Marias
em uma represa de cachaça
e abra as comportas
que “nóis” comporta
Deus é pai
e a cachaça vai.²⁵

As “rezas” que carregam uma conotação sexual e jocosa se assemelham bastante aos chamados “versos de rodeio” – principalmente na questão letrística e no ritmo da declamação, pois, a musicalidade, a linearidade melódica, é distinta -, contudo, não seria possível afirmar qual dessas práticas é a antecessora. Um exemplo de uma loa compartilhada por estas duas distintas manifestações seria:

Morena, “num” sei se devo,
“num” sei se posso,
Te levar pra cama e
estremecer (apertar) seus “zóssos”
Te fazer um “fi” e dizer que é nosso (COSA NOSTRA, 2013; RODEIO, 2013).

Apesar de possuir o seu papel social, assim como qualquer bebida, a cachaça, no interior das repúblicas possui outras conotações, que retratam e substanciam diversos aspectos observados no convívio social dos estudantes que optam por estas moradias estudantis. Entre estes aspectos, podemos notar uma característica interessante por sua dimensão paradoxal, como por exemplo, no momento em que são recitadas “rezas” ou mesmo os hinos das repúblicas, é possível observar uma desfragmentação da noção hierárquica, ou seja, das estruturas estabelecidas anteriormente (e interiormente), prevalecendo o conceito de *communitas* cunha-

²⁵ Esta “reza” foi encontrada (ouvida) em diversas repúblicas, sendo frequentemente declamada em Ouro Preto. O verso “Deus é pai e a cachaça vai” é uma utilização bastante comum, com efeito de conclusão das “rezas”.

do por Victor Turner. Os indivíduos são destituídos de seus postos e são alocados em um status *liminar*, efêmero, concebido como:

a passagem entre “status” e estado cultural que foram cognoscitivamente definidos e logicamente articulados. Passagens liminares e “liminares” (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem. A “*communitas*” é um relacionamento não-estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Esses indivíduos não estão segmentados em funções e “status” mas encaram-se como seres humanos totais. (TURNER, 1974, p. 5).

Logicamente, só é possível atingir este estado de *liminaridade*, de comunhão, quando a prática é entoada por todos, ou por, pelo menos, grande parte do grupo presente naquele “espaço-tempo”. Neste caso, os indivíduos transcendem à estrutura hierárquica e, de copos levantados e vozes (brados) em uníssono, priorizam a exaltação destes temas, gerando um sentimento de *pertencimento* à comunidade, principalmente por esta prática/conhecimento ser transmitida oralmente – ampliando o contato. É muito comum observarmos estas atividades em festas (denominadas localmente por “rocks”) como formaturas e “escolhas” – rituais de passagem, transição -, mas não são exclusivas destas celebrações. Nas repúblicas, as “rezas” também podem ser proferidas por indivíduos isolados, um por vez, semelhante à “rodada” observada por Araújo (1975), porém, nesta acepção adquirem um caráter mais lúdico, em que cada participante recita uma “reza” antes de ingerir a bebida e é repassado o mesmo copo até que esteja vazio. Nesta prática a hierarquia é preponderante, já que, é esta a estabelecer a ordem das “rezas” e tragos.

No caso dos hinos, em que praticamente todos estes elementos estão reunidos, grande parte das vezes é priorizada a exaltação da república, como podemos observar no caso da República *Tabu*:



Uma vez *Tabu*, *Tabu* até morrer
Um “tabuano” eu hei de ser
É o maior prazer, vê-la brilhar
Seja na Escola, seja no bar
Beber, beber, beber,
Uma vez *Tabu*, *Tabu* até morrer²⁶.

Ainda é possível ressaltar a designação de algumas canções da cultura popular brasileira, elencadas por ex-moradores mais antigos e ressignificadas, com o intuito de que, teoricamente, poderiam criar uma representação do “espírito republicano” de sua “instituição”, ou que possuiriam, de certa forma, uma citação, temática semelhante, ou um sentimento de nostalgia ao nome da moradia estudantil. Como nos exemplos de: “Vou-me embora pra Pasárgada”, poema de Manuel Bandeira (1924) musicado por Paulo Diniz (1973), hino da República *Pasárgada*; “Tu és o MDC da minha vida” (1975), de Raul Seixas e Paulo Coelho, hino da *Palmares e Convento*; “Perigosa” (1977), de Rita Lee, R. Carvalho e N. Motta, hino da *Virada pra Lua*; “Doce, doce, amor” (1971), de Jerry Adriani, hino da *Doce Mistura*; “Funcionária da calçada”(1982), de Brenno Silva, hino da *Quarto Crescente (QC)*; “Pô, amar é importante” (1986), de Hermelino Neder e participação de Arrigo Barnabé e Tetê Espínola, hino da *Tanto Faz*; “Lumiar” (1977), de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, hino da *Lumiar*, etc. Em outros casos, são compostos “hinos”, que praticamente se confundem com “rezas”, pois são declamados como versos, quase que falados, como no caso das repúblicas *Toka* e *Patotinha*.

Também foram criadas apropriações de músicas da cultura popular, a partir de versões que enaltecem as suas repúblicas, como no caso da *Tabu*, que utilizou a estrutura do hino do time de futebol *Flamengo* na composição de seu próprio hino, no caso da República *FG* e da *Sinagoga*, que se basearam no hino do clube *Atlético Mineiro*, e na opção da República *Ninho do Amor*, em modificar a letra de “A Praça” (1967), de Ronnie

²⁶ Hino de conhecimento do próprio autor, confirmado pelo ex-morador “tabuano” Marcelo Barbosa.

Von, para ser representada como seu hino. As repúblicas *Saudade da Mamãe* e *Território Xavante (TX)*, não se contentaram em se apropriar de canções do imaginário popular e criaram seus próprios hinos, como as canções “Samba da \$audade” (2005), de Iuri Bittar e “Hino da República Território Xavante”²⁷ (1986), de E.R. Barbosa e João Carlos Cioffi²⁸.

Todas estas composições, versões e criações dos próprios estudantes podem ser interpretadas, apesar de distintas em seu processo de ressignificação, como tendo o mesmo propósito, o de ampliar um sentimento de *pertencimento*, que, de acordo com Souza (2010):

sinaliza, no contexto da sociedade marcada por exclusões e desigualdades, a busca de identidade diante de um desejado e ausente comum aglutinador. [...] Ele se traduz de forma visível em sentidos e motivações diversos dos de suas raízes (antropologia, política), sustentando a busca de participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitem enraizamento e gerem identidade e referência social, ainda que em territórios tão diferentes como os da política, da religião, do entretenimento (p. 32-34).

Juntamente às “rezas” e hinos, outros elementos como os brasões das repúblicas expostos em suas placas, as bandeiras, as camisas de república, o bairro de localização, os cursos de graduação permitidos ou predominantes na moradia, o gênero sexual, a faixa etária, as amizades, os posicionamentos políticos, religiosos, os locais frequentados, os rituais internos da casa (baralho, futebol, reuniões, festas, etc.), entre outros, definem a *identidade* que os agrega como república, em determinada época – já que a *identidade* é mutável, inconstante -, e que, ao mesmo tempo, os diferencia do “outro”, alheio a estas características e tradições.

²⁷ A República *Território Xavante*, inclusive, gravou um disco com o seu hino e mais outras três composições, para comemorar, em 1986, os 25 anos da república, que foi gentilmente enviado para mim pelos atuais moradores.

²⁸ Todas as “rezas de cachaça” e hinos das Repúblicas Federais de Ouro Preto, aqui citados, foram colhidos pessoalmente em minha pesquisa de campo ou foram enviados por moradores e ex-moradores de suas respectivas moradias estudantis.



Figura 2. Quadro da REFOP com os brasões das Repúblicas Federais de Ouro Preto – MG. Foto do autor.

É como se cada república, por definir suas tradições e o seu sistema de auto-gestão, prezasse por sua peculiar *identidade*, sua personalidade como “instituição”, como uma comunidade “singular”, mas ainda assim, permitisse que outras repúblicas e pessoas compartilhem de parte de seus rituais. A socióloga Kathryn Woodward (2012), se reportando ao teórico Michael Ignatieff, afirma que:

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados) (2012, p. 13).

O teórico Stuart Hall ainda ressalta a complexidade que o conceito de *identidade* assume, devido ao seu caráter transitório e não “estabelecido”:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares,

mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2012, p. 108).

Em concordância com este pensamento de Hall, busquei interpretar todas estas informações e características da cultura local republicana através da proposta de uma *descrição densa* do antropólogo Clifford Geertz, que, através de um repertório de conceitos - como símbolo, *identidade*, estrutura, *ritual* e, naturalmente “a própria “cultura” - se entrelaçam no corpo da etnografia de descrição minuciosa na esperança de tornar cientificamente eloquentes as simples ocorrências. O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados” (GEERTZ, 1989, p. 38).

Diante do grande número e da complexidade de temas abordados neste artigo, e que poderiam ser aprofundados e adensados em outras pesquisas - como o sistema de autogestão das repúblicas, as inter-relações entre os republicanos e os “nativos”, os processos de fundação e transformação das moradias estudantis, o impacto do crescente número de repúblicas na cidade de Ouro preto, entre outros -, acredito que, apesar de ainda em um nível bastante inicial, esta pesquisa tenha contribuído para uma maior compreensão da representatividade de práticas como as “rezas de cachaça” e hinos - entre outras -, nas questões relacionadas à *identidade*, *pertencimento*, *tradição* e aos *rituais* observados no interior destas casas. É necessário ainda destacar a escassez ou a insuficiência no número de pesquisas que abordem a temática que esta comunicação buscou se atentar, desde a análise de tais práticas, até o estudo das comunidades de repúblicas de Ouro Preto de uma forma mais ampla. Certamente, o fato de ter vivenciado esta experiência durante a minha graduação me traz algumas facilidades quanto à parte etnográfica e no âmbito de compreender seus mecanismos, no entanto, é necessário criar um distanciamento para que seja possível observar toda a complexidade e as implicações deste distinto universo estudantil.



Bibliografia

- ABM Brasil. 2013. Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração. *Mais antiga faculdade de engenharia do Brasil é tema de livro*. Disponível em: <<http://www.abmbrasil.com.br/news/materias/4908-mais-antiga-faculdade-de-engenharia-do-brasil-e-tema-de-livro/>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.
- Araújo, Alceu Maynard. 1977. *Medicina Rústica*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional: Brasília, INL. (Brasiliense, v. 300).
- Arca de Noé. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <<http://republica-arcadenoe.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.
- Baer, Werner. 2002. *A Economia brasileira*. Tradução de Edite Sciulli. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Nobel, 2002.
- Barbalho, Duarte M. 2007a. *Texto sobre a fundação da Arte & Manha: Um caso de construção da UFOP em Ouro Preto*. In: MACHADO, Otávio Luiz. *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Recife: Proenge, 2007a (versão eletrônica). 141-143.
- Biblioteca Nacional. 2013. A França no Brasil. Claude Henri Gorceix e a Escola de Minas de Ouro Preto. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/francebr/gorceix.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2013.
- Câmara Cascudo, Luís da. 1986. *Prelúdio da Cachaça. Etnografia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil*. Rio de Janeiro: Itatiaia.
- Canaan. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <<http://www.republicacanaan.com/index/index.php?pag=1&id=11>>. Acesso em: 5 Ago. 2013.
- Carvalho, J. M.. 2002. *A Escola de Minas de Ouro Preto: O peso da glória*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Castelo dos Nobres. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <http://castelodosnobres.com/?page_id=103>. Acesso em: 10 Ago. 2013.
- Consulado. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <<http://www.republicaconsulado.com/a-casa/>>. Acesso em: 10 Ago. 2013.
- Cosa Nostra. 2013. Site oficial da república. *Rezas de cachaça*. Enviada por: Arnaldo Junio Rocha Pinho. Disponível em: <<http://www.cosanostra.com.br/rezasdepinga.html>>. Acesso em: 3 ago. 2013.
- Dequech, David. 1984. *Isto dantes em Ouro Preto; crônicas*. Belo Horizonte.
- Estrada Real da cachaça. 2008. Direção: Pedro Urano. 1 DVD (98 min.). Documentário. Rio de Janeiro: Grupo novo de cinema e TV / Tarcísio Vidigal e Alice Filmes.
- Geertz, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gennep, Arnold Van. 2011. *Os Ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Apresentação Roberto da Matta. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Globo Minas. 2013. G1. *Ouro Preto comemora 30 anos como Patrimônio Cultural da Humanidade*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2010/09/ouro-preto-comemora-30-anos-como-patrimonio-universal-da-humanidade.html>>. Acesso em: 15 Ago. 2013.
- Hall, Stuart. 2003. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- _____. 2012. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T.T.(org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Machado, Otávio Luiz. 2007a. *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Recife: Proenge (versão eletrônica).



176

O GOSTO
DA MÚSICA

17º Encontro Internacional
de Música e Arte

2013

- _____. 2007b. *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. (org.) Recife: Centro de Tecnologia e Geociências, Coordenação de Extensão, Universidade Federal de Pernambuco.
- _____. 2012. *Repúblicas e Entidades Estudantis de Ouro Preto: Trajetórias e importâncias*. Recife: PROJEPEC.
- _____. 2013a. *Repúblicas e estudantes em Ouro Preto: contributos dos dossiês para a REFOP [Volume 1]*. Otávio Luiz Machado (org.). Recife: PROJEPEC.
- _____. 2013b. *Repúblicas e estudantes em Ouro Preto: contributos dos dossiês para a REFOP [Volume 2]*. Otávio Luiz Machado (org.). Recife: PROJEPEC.
- _____. 2013c. *Repúblicas e estudantes em Ouro Preto: contributos dos dossiês para a REFOP [Volume 3]*. Otávio Luiz Machado (org.). Recife: PROJEPEC.
- Malta, Eder. 2010. *Identidade e práticas culturais juvenis: As Repúblicas estudantis de Ouro Preto*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFS - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
- Marcondes, S.. 2005. *Brasil, amor à primeira vista! Viagem ambiental no Brasil do século XVI ao XXI*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis.
- Michaelis. 2013. Dicionário. Instituição. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=institui%E7%E3o>>. Acesso em: 13 Ago. 2013.
- Nepomuceno, Rosa. 1999. *Música Caipira: Roça ao Rodeio*. São Paulo: Ed. 34.
- Ouro Preto. 2013. Site oficial da cidade. Distritos. Disponível em: <www.ouropreto.com.br>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- Portal R7. Minas Gerais. 2013. Disponível em <<http://noticias.r7.com/minas-gerais/noticias/ufop-sugere-que-universitarios-recebam-treinamento-medico-apos-morte-de-estudantes-20130131.html>>. Acesso em: 12 Ago. 2013.
- Prograd. 2013. Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <<http://www.prograd.ufop.br/index.php/cursos>>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- Pureza. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <http://www.republicapureza.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=25>. Acesso em 10 Ago. 2013.
- Resolução CUNI. 2006. Nº 779. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/download/estatutoop.pdf>>. Acesso em: 11 Ago. 2013.
- Resolução CUNI. 2010. Nº 1150. Disponível em: <http://www.ufop.br/downloads/resoluo_cuni_n_1150_-_estatuto_repblica_federais_de_op.pdf>. Acesso em: 11 Ago. 2013.
- Revista Escolha. 2012. Cursos de Graduação na UFOP. Ouro Preto: UFOP, ano 4. n.4.
- Rocha, Maria Cecília Maurício da. 1990. *Miguel Maurício: mestre, empreendedor, amigo*. Belo Horizonte.
- Rodeio. 2013. Versos de rodeio. Disponível em: <<http://www.solbrilhando.com.br/Espportes/Rodeios/Versos.htm>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- Salcedo Repolês, M. F.. 2007a. Início de pesquisa nas repúblicas de Ouro Preto: como funcionam as relações de poder. In: MACHADO, Otávio Luiz. *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Recife: Proenge, 2007a (versão eletrônica). 192-196.
- Saludos Amigos. 1942. “Alô Amigos” (no Brasil) Filme de Walt Disney. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7aKvdsQw618>>. Acesso em: 8 Ago. 2013.
- Santanna, R.. 2000. *A Moda é Viola - Ensaio do Cantar Caipira*. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Ed. UNIMAR.
- Sayegh, Liliane. 2009. *Dinâmica urbana em Ouro Preto: Conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua*



177

O GOSTO
DA MÚSICA17º Encontro Internacional
de Música e Arte

2013

- consolidação como cidade universitária*. 2009. 241f. Dissertação (Mestrado) em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia – UFBA.
- Souza, Mauro Wilton. 2010. *O pertencimento ao comum mediático: identidade em tempos de transição*. Significação – Revista de Cultura Audiovisual / ECA-USP, São Paulo, n. 34, p. 31-52.
- Tinhorão, J. R.. 2002. *A música popular no romance brasileiro (vol. III: século XX [2ª parte])*. São Paulo: Ed 34.
- Turner, Victor W. 1974. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Ufop. 2013. Relatório de Gestão do Exercício de 2012. Disponível em: <http://ufop.br/downloads/relatrio_de_gesto_2012.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- Vaticano. 2013. Site oficial da república. Disponível em: <http://www.republicavaticano.com.br/crbst_2.html>. Acesso em: 10 Ago. 2013.
- Vídeos R7. 2013. Rede Record. Disponível em: <<http://videos.r7.com/lei-torna-cachaca-patrimonio-cultural-do-rio/idmedia/4ffd8508e4b0be0cb5fddfeb.html>>. Acesso em: 15 Ago. 2013.
- Villela, Francisco. 2008. *Ave, Cachaça! Nascimento, Vida, Reza e Glória*. Cidade: Ed. Paulo Villela.
- Woodward, K.. 2012. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T.T.(org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.



178

O GOSTO
DA MÚSICA

9º Encontro Internacional
de Música e Mídia

2013